

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E RELAÇÕES PÚBLICAS
COMUNICAÇÃO SOCIAL: RÁDIO, TELEVISÃO E INTERNET

LUIZ GUILHERME DE CARVALHO

**“ESQUECI O CAMINHO DE CASA”: IMPACTOS DA TRANSFORMAÇÃO
URBANA NA MEMÓRIA. [RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO
CURTA-METRAGEM DOCUMENTAL ENSAÍSTICO]**

BAURU
2025

LUIZ GUILHERME DE CARVALHO

**“ESQUECI O CAMINHO DE CASA”: IMPACTOS DA TRANSFORMAÇÃO URBANA
NA MEMÓRIA. [RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM
DOCUMENTAL ENSAÍSTICO]**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, sob orientação do Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior.

C331'	Carvalho, Luiz Guilherme de "Esqueci o caminho de casa": impactos da transformação urbana na memória. relatório de produção do curta-metragem ensaístico / Luiz Guilherme de Carvalho. -- Bauru, 2025 33 p. : il., fotos Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Comunicação: Rádio, Televisão e Internet) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru Orientador: Arlindo Rebechi Junior 1. Urbanização. 2. Gentrificação. 3. Cinema. 4. Documentário.
-------	--

LUIZ GUILHERME DE CARVALHO

**“ESQUECI O CAMINHO DE CASA”: IMPACTOS DA TRANSFORMAÇÃO URBANA
NA MEMÓRIA. [RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM
DOCUMENTAL ENSAÍSTICO]**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação: Rádio, Televisão e Internet, sob orientação do Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arlindo Rebechi Junior
Departamento de Ciências Humanas

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves
Departamento de Audiovisual e Relações Públicas

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Profa. Assoc. Larissa Maués Pelúcio Silva
Departamento de Ciências Humanas

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

**BAURU
2025**

Dedico este trabalho ao bairro da Penha,
que sobrevive às transformações.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é um resumo da minha graduação. Embora reúna todos os conhecimentos que adquiri ao longo dos quatro anos percorridos nesta instituição. Classifico este projeto como o esforço de muitas pessoas que me apoiaram; por isso, a essas pessoas dedico meus agradecimentos.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Maria Elisabeth da Silva e Milton Ferreira de Carvalho Junior, que sempre me incentivaram a estudar. Acreditando que eu poderia frequentar uma universidade de extrema excelência como a Unesp. Assim como sempre foram “chatos” em relação às minhas notas, pois reconheciam meu potencial. Ao mesmo tempo, incentivaram meu desenvolvimento para além da escola, por meio da leitura recorrente, da prática de instrumentos musicais e de outras atividades.

Agradeço à minha namorada, Gabriela Fernandes Eing, que, além de acompanhar a produção do curta desde a organização das ideias, me incentivou com suas palavras e apoio constante. Percebendo o potencial da história, fez questão de participar das diárias, transformando um trabalho cansativo em algo leve e dinâmico. Reconheço nela uma companheira singular, que auxilia em todos os momentos.

Também agradeço aos docentes do curso de Comunicação Social: Rádio, Televisão e Internet que, ao longo desses quatro anos, contribuíram para meu crescimento profissional e intelectual. O saber que adquiri neste espaço enriqueceu este trabalho, pois pude colocar tudo em prática. Em especial, dedico um agradecimento ao professor Dr. Arlindo Rebechi Junior, que me orientou com maestria. Seu repertório cinematográfico me surpreendeu de maneira bem positiva. Por meio de seu conhecimento, tive contato com ótimas obras. Principalmente o cinema nacional independente. Agradeço ao professor Gustavo Soranz Gonçalves, que contribuiu ao longo da minha graduação para o desenvolvimento de técnicas dentro do audiovisual, e à professora Larissa Maués Pelúcio Silva, por transformar meu olhar acerca de questões sociais e permitir maior sensibilidade.

Agradeço aos colegas de curso que me acompanharam em todos os projetos, Leonardo Ribeiro Jorge e João Vítor Ramires Spiteri, como também ao João Antonio Alves Araium, com quem dividi apartamento por um ano e meio. Porém, dedico um espaço especial ao João Antônio Cardoso Curia Zanforlin por emprestar sua câmera

para a realização deste trabalho. Além disso, meu portfólio não seria nada sem sua participação. Seus conhecimentos em pós-produção abrilhantaram nossos projetos, assim como nossas ideias complementam-se bem.

Ademais, agradeço aos amigos já formados Lucas Camargo da Silva e Walesson Almeida dos Santos, que desde meu primeiro ano de graduação me colocaram em seus projetos. Aprendi muito com eles. Além disso, a participação em seus respectivos trabalhos de conclusão de curso norteou meu caminho. Por isso, desejo o sucesso deles.

Por fim, agradeço a Deus pela vida que tenho, pelas oportunidades que tive e a trajetória que percorri. Sei que estou no início de minha história profissional, mas com Sua força e luz, chegarei mais longe ainda.

RESUMO

O curta-metragem documental ensaístico *“Esqueci o caminho de casa”* busca refletir sobre o processo transformador, próprio da urbanização, com a melhoria da infraestrutura por meio da malha ferroviária, no contexto do bairro da Penha (SP). Este fenômeno decorre a partir das necessidades do capital e influencia na relação de afeto entre pessoa e lugar. Então, utilizando o hibridismo característico dos filmes de Chris Marker e Adirley Queirós, que misturam ficção e realidade por meio de técnicas cinematográficas, este trabalho debruça sobre os impactos ocasionados pela reestruturação do transporte público.

Palavras-Chave: Gentrificação, transformação, memória.

ABSTRACT

The short documentary essay film "I forgot the way home" seeks to reflect on the transformative process of urbanization with the improvement of infrastructure through the railway network in the context of the neighborhood of Penha (SP). This phenomenon arises from the needs of capital and influences the relationship of affection between person and place. So, using the hybridism characteristic of the films of Chris Marker and Adirley Queirós, which mix fiction and reality through cinematographic techniques, this work focuses on the impacts caused by the restructuring of public transport.

Keywords: Gentrification, transformation, memory.

“Mas ei, ei, mãe!
Por mais que a gente cresça
Há sempre coisas que a gente
Não pode entender”

(Humberto Gessinger)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena do documentário “Sans Soleil”	20
Figura 2 - Cena do longa metragem “A cidade é uma só”	22
Figura 3 - Mapa da linha 443 (Jd. Adriana - Metrô Penha).....	26
Figura 4 - Diário de produção.....	27
Figura 5 - Linha do tempo do projeto no Adobe Premiere.....	28
Figura 6 - Design de som do projeto no Adobe Premiere.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 JUSTIFICATIVA.....	15
1.2 OBJETIVOS.....	16
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	16
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
2. REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	17
2.1 INTERVENÇÃO DO ESTADO E (RE)ESTRUTURAÇÃO URBANA. UM ESTUDO SOBRE GENTRIFICAÇÃO.....	17
2.2 DEFININDO O APEGO AO LUGAR: UMA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL TRIPARTIDA.....	18
3. REFERÊNCIAS ESTÉTICAS.....	20
3.1 SANS SOLEIL - CHRIS MARKER (1983).....	20
3.2 A CIDADE É UMA SÓ - ADIRLEY QUEIRÓS (2011).....	21
4. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO.....	22
4.1 A CONCEPÇÃO DO PROJETO: O HIBRIDISMO E A FILMAGEM CRUA....	22
4.2 ROTEIRO: A ESCOLHA PELO VÍDEO-ENSAIO.....	23
4.3 FOTOGRAFIA: A POESIA IMAGÉTICA DA SUJEIRA.....	24
4.4 SOM: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE REAL.....	25
4.5 DIÁRIA DE PRODUÇÃO: DINÂMICA DE CAPTAÇÃO.....	25
4.6 PÓS PRODUÇÃO: MENOR INTERFERÊNCIA NAS IMAGENS.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32
7. ANEXO.....	33
7.1 LINK PARA VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO.....	33

1.INTRODUÇÃO

Ao longo de seus 358 anos, o bairro da Penha em São Paulo representa com afincos a passagem do tempo. Teve importância significativa no período colonial, quando tropeiros passavam pelo local com grandes carregamentos de café, trazidos da região do Vale do Paraíba para Santos. Posteriormente, passou pelo período de urbanização desenfreada, intrinsecamente ligada ao surgimento das indústrias, até tornar-se, atualmente, um ponto estratégico entre a capital e o segundo município de maior significância do estado: Guarulhos.

É importante ressaltar que a Penha nem sempre esteve conectada à capital. Até meados da década de 1950, a capital paulista não possuía uma rede de conexões tão ampla como observamos atualmente. Tanto que o bairro penhense permaneceu, por muitos anos, isolado do centro. Aliás, esse modelo geográfico foi atrelado ao entendimento da elite paulistana, já que essa configuração era um projeto dessa camada para expulsar os empobrecidos de regiões ricas, como a Avenida Paulista e, posteriormente, Higienópolis. Contudo, com o surgimento de indústrias pela capital, houve a mobilização de um grande contingente populacional. Os bairros do Brás, Mooca e Tatuapé, assim como o bairro da Penha, cresceram com a edificação de habitações ao redor dos postos de trabalho para “facilitar” a vida dos operários. Nesse sentido, a infraestrutura também avançou com coletas de lixo, distribuição de água e energia, saneamento básico e rede de transporte.

No contexto da malha ferroviária, a Penha foi contemplada com uma estação de metrô no ano de 1986, pertencente à linha 3-Vermelha, que conecta as regiões leste e oeste, passando pelo centro. Nessa relação, o poder público demonstrou a necessidade de conectar a força de trabalho com as regiões de maior produção da metrópole. Isso porque, os meios de produção delimitam os investimentos a serem realizados para Furtado (2014); às demandas do capital instigam os movimentos de melhorias na infraestrutura. E nesse sentido, uma rede de acontecimentos podem ser abarcados. Desde a edificação de centros empresariais, até a construção de uma rede de transporte. Pois, a troca entre produção e consumo constituem a base de um desenvolvimento urbano.

Com isso, a metrópole paulista tem desenvolvido diversos projetos para melhoria do transporte, visando o potencial que a conexão de diferentes regiões traz

para o enriquecimento. Recentemente, foi apresentado ao público o projeto que liga Campinas a São Paulo em um trajeto de 1h05. Há também a pretensão de ligar a Baixada Santista à capital e, do mesmo modo, Guarulhos será contemplada. Para isso, o projeto da linha 2-Verde passa pelo bairro da Penha, transformando a região de cunho histórico - algo que senti a necessidade de documentar, pois a modernização do bairro impacta diretamente na identidade.

O afeto ocupa um local importante em nosso desenvolvimento. O reconhecimento de si está ligado a uma rede de relações - vínculos que criamos com pessoas, com objetos e também com o lugar onde vivemos. As experiências vividas nesse espaço delimitam, em nossa memória, a importância que o local tem para nós. Nesse sentido, com a transformação do bairro em que cresci, a documentação tornou-se necessária. O que eu conhecia está mudando com o tempo. A identidade entra em conflito, pois o que era já não existe mais. Novos significados são atribuídos, e assim constitui-se uma nova vida. Por isso, é importante captar o acontecimento - daí o nome *"Esqueci o caminho de casa"*.

Nesse sentido, a opção pelo documentário ensaístico decorre do valor que a memória possui, associado à relevância da imagem real. A narração que preenche o produto reflete sobre o processo de revitalização ao custo de expulsões diretas e indiretas. A mesma narração, enunciada por um personagem, trabalha com a memória e o cotidiano. Embora poética, a fala dedica-se ao ordinário.

Afinal, a proposição do projeto ocorre na contemplação do presente - no apego momentâneo. A expansão geográfica denota um aprimoramento na infraestrutura urbana e, nesse contexto, a memória, a identidade, o afeto e o apego enfrentam de maneira intensa o tempo e a sua efemeridade.

1.1 JUSTIFICATIVA

Metrópoles são organismos vivos, apresentando dinâmicas particulares de existência. Nesse sentido, o planejamento urbano constitui função essencial para atender às demandas dos indivíduos - e, em especial, os donos dos meios de produção. Com isso, projetos de infraestrutura modificam os espaços existentes, transformando o que antes existia com um determinado significado em outro elemento.

Foi, então, ao passar por uma importante avenida que conecta o bairro da Penha a Guarulhos, que notei casas e comércios derrubados. O motivo deveu-se à construção de duas novas estações de metrô. De fato, esse movimento é de extrema importância, pois conecta milhares de pessoas aos seus postos de trabalho com mais rapidez e facilidade. Entretanto, esse movimento dá origem a um fenômeno urbano recorrente: a gentrificação. Em pouco tempo já notei muitas placas de “Vende-se” e “Aluga-se” em diversas residências e comércios da região. Sem contar a verticalização pelo qual o bairro vem passando. Dessa forma, ao observar toda a modificação do espaço em que nasci e cresci, decidi documentar isso - não se limitando a uma denúncia, já que muitos dos moradores são retirados sem opção, ou porque as áreas desapropriadas estão sem a devida proteção, cheias de lixo e gerando insegurança no local.

Logo, o curta-metragem documental ensaístico *“Esqueci o Caminho de Casa”* propõe uma reflexão sobre a influência das mudanças urbanas na identidade e na memória. O filme debate a efemeridade do tempo, por meio de um texto pessoal que evoca lembranças enquanto dialoga com o crescimento populacional e da malha ferroviária. Isso porque, a memória e a identidade entram em conflito com as mudanças recorrentes. Colocando os antigos moradores em divergência com seu passado. A nostalgia, na essência da palavra, gera tristeza e melancolia.

Por fim, o bairro da Penha - histórico que é - serve de cenário que vai além da narrativa: ele é o recorte da transição, onde passado e futuro convergem, alterando as imagens e os sentimentos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Refletir sobre o enfraquecimento do indivíduo e de sua memória diante das transformações urbanas no contexto da cidade de São Paulo, a partir da construção de um curta-metragem documental ensaístico.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar os processos de decadência da arquitetura paulistana.
- Refletir sobre o afeto a partir da conexão com o local onde vivemos.
- Propor a conscientização sobre os diferentes aspectos do fenômeno gentrificador.
- Elencar a importância da documentação em relação à fragmentação do tempo.
- Exibir a submissão da infraestrutura de uma cidade perante às demandas do capital.

2.REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 INTERVENÇÃO DO ESTADO E (RE)ESTRUTURAÇÃO URBANA. UM ESTUDO SOBRE GENTRIFICAÇÃO.

Comumente, entendemos a gentrificação como um fenômeno urbano no qual a revitalização de áreas degradadas atrai novos investimentos. Consequentemente, o custo de vida aumenta, ocasionando a expulsão das camadas mais populares daquela região. Esse termo foi criado pela socióloga Ruth Glass, em 1964, quando seu estudo baseou-se na urbanização de Londres. Desde então, o processo ampliou suas fronteiras, sendo observado sua ocorrência em outras metrópoles, como Barcelona, Los Angeles e São Paulo.

Furtado (2014) propõe uma análise diferente do que os pensadores desse tema difundiram. Isso porque as necessidades dos meios de produção determinam a funcionalidade dos aparatos de infraestrutura. Isto é, a malha de transporte, bairros planejados e centros empresariais existem como resposta ao interesse do capital. Segundo o autor, as demandas são atendidas em função da circulação e do consumo de mercadorias.

Nesse sentido, a gentrificação não pode ser entendida apenas como a simples substituição de antigas residências por prédios. O fenômeno ocorre de diversas formas. Não há um padrão universal, embora diferentes acadêmicos proponham. De certo modo, nem todo trabalhador marginalizado é expulso. Em alguns casos, permanece em habitações de baixo custo ou mesmo irregulares. Nem mesmo os agentes são os mesmos. A expressão geográfica das metrópoles ocorre de acordo com a sua maneira e, as mudanças ocorridas são particulares. Trago o exemplo observado por mim ao realizar este filme, em que antigas casas dão lugar a amplas estações de metrô, ocasionando uma reestruturação da malha ferroviária e, consequentemente, o uso do espaço. Antigos moradores estão indo embora, e esse fenômeno não se deve à substituição por modernos prédios.

Com isso, o capitalismo modela um ambiente físico e social à sua imagem. As inovações tecnológicas se articulam com a melhoria da estrutura urbana. As atividades humanas - como serviços, indústria, finanças, diversão e habitação - são apoiados por determinadas construções, zonas e regulamentação. Assim, para gerar um espaço econômico, o mercado necessita de um ambiente estruturado

arquitetonicamente, com iluminação, transporte, rede de internet e outros elementos. O valor do uso geográfico é representado por sua localização.

Portanto, o fenômeno da gentrificação deve ser analisado sob a ótica do contínuo processo de acumulação de capital, que sustenta a competição do mercado imobiliário e determina os diferentes episódios de exclusão. A complexa interação entre as forças políticas, sociais e econômicas implica na definição das preferências do uso do solo.

2.2 DEFININDO O APEGO AO LUGAR: UMA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL TRIPARTIDA

O local onde nos estabelecemos influencia, de certa maneira, o reconhecimento de si. Nossa existência está intrinsecamente ligada a variadas relações que construímos ao longo do tempo - e, com o ambiente, no sentido arquitetônico da palavra, não é diferente. Scannell e Gifford (2009) propõem uma reflexão sobre o apego ao lugar, a partir da troca tripartida entre pessoa-processo-lugar.

Parte dessa relação revela a fragilidade em que nos encontramos. À medida que a globalização, os desastres ambientais e o deslocamento desenfreado ocorrem, tornamo-nos menos conectados com outros indivíduos e, principalmente, com o ambiente no qual estamos inseridos. Nesse sentido, desenvolvem-se estudos voltados ao entendimento dessa relação. Já que o apego pode ser empregado para o planejamento urbano, considerando as consequências psicológicas que as mudanças ocasionam.

Os laços afetivos satisfazem as demandas fundamentais dos indivíduos, proporcionando um aprofundamento do vínculo identitário em suas camadas mais íntimas. Essa relação, entretanto, funciona de acordo com alguns princípios, segundo Scannell e Gifford (2009): (1) Quanto do apego ao local está ligado ao coletivo e ao individual; (2) Que componentes comportamentais e afetivos se manifestam; (3) Qual é a natureza do espaço.

Assim, o apego ao local ocorre tanto na dimensão individual quanto na coletiva, podendo inclusive ocorrer simultaneamente, com sobreposição dos elementos.

No nível individual, o apego se dá pela conexão pessoal que o indivíduo estabelece com a localidade, atribuindo sentido à afetividade. Isso porque a recorrência da evocação de memórias constitui o próprio estabelecimento do ser. Sendo assim, as experiências vivenciadas conferem sentido ao lugar. Do mesmo modo, o uso do espaço por determinado grupo também configura uma forma de apego. Diferentes contextos - como religioso, cultural e econômico - denotam a importância do ambiente como um valor comum.

Os componentes psicológicos que se manifestam na relação do sentido de lugar são: o afeto, a cognição e o comportamento. Determinando o bem estar social, a conexão emocional que uma pessoa gera com o local satisfaz as necessidades do indivíduo. Por isso, mudanças forçadas podem gerar um sentimento de luto, tão intenso quanto o luto pela morte de alguém (Fried, 1966). Dessa forma, a construção de significados quanto o arranjo psicológico conecta o “eu” a sentidos específicos, integrando o ambiente físico à sua imagem.

Assim, o terceiro nível se manifesta por meio de ações identitárias, como a reconstrução de um espaço ou o constante retorno para casa. Nesse sentido, até movimentos religiosos, como as idas à Meca, caracterizam a força da relação tripartida entre pessoa-processo-lugar. Pois, esses movimentos expressam o desejo de permanecer conectado a um local de afeto e boas lembranças.

Portanto, a conscientização do “eu” em relação ao espaço em que está inserido revela a construção de uma identidade e de uma memória ligada com o ambiente - não necessariamente positivas, mas relevantes para sua formação.

3.REFERÊNCIAS ESTÉTICAS

3.1 SANS SOLEIL - CHRIS MARKER (1983)

A relação entre tempo, identidade e local percorre o filme *“Sans Soleil”*, dirigido por Chris Marker, em 1983. Misturando diferentes gêneros cinematográficos, essa obra recusa a classificação simples e banal. Ele transcende às expectativas, gerando no espectador o desejo em permanecer conectado com a história por mais tempo.

Figura 1 - Cena do documentário “Sans Soleil”



Fonte: Film Grab, 2022.

O longa-metragem ensaístico é narrado por uma mulher que lê as cartas que um amigo lhe envia durante sua viagem pelo mundo, em que o tempo e as recordações não seguem uma ordem cronológica. Com um caráter filosófico, o cineasta debruça seus pensamentos em questões cotidianas, como as crenças em seres mitológicos, a mortalidade, o poder da documentação e, até sobre sexo.

Marker produz um filme que ultrapassa as fronteiras entre ficção e documentário, entre o real e o imaginário. A narrativa fragmentada combinada a subjetividade da narração expressam o desejo do vídeo-ensaio em mais questionar do que afirmar. Isso porque a montagem contribui para a sensação de deslocamento, tanto geográfico quanto emocional. O uso de imagens de arquivos combinado a manipulação das cores e filtros eletrônicos criam a suspensão do

tempo. Assim, a memória torna-se a matéria-prima da criação, e o tempo se transforma em um elemento que pode ser manipulado.

Com este pensamento incorporado no curta *“Esqueci o caminho de casa”*, reflito sobre a transformação urbana em conflito com a memória e a identidade tanto individual quanto coletiva.

3.2 A CIDADE É UMA SÓ - ADIRLEY QUEIRÓS (2011)

O filme documental *“A cidade é uma só?”* de Adirley Queirós, de 2011, reflete sobre as desigualdades sociais e espaciais entre Brasília e as cidades satélites, como Ceilândia. O longa explora as contradições da capital federal por meio de uma narrativa híbrida. Referenciando um jingle da década de 1970, utilizado pelo governo militar com intuito de promover a integração de diferentes áreas. Algo que nunca ocorreu.

Nesse sentido, Adirley acompanha a história de três personagens: (1) Dildu e a sua campanha a deputado distrital; (2) Zé Roberto e o loteamento de uma região periférica; (3) Nancy e a visita ao programa *“A cidade é uma só”* do qual ela sofreu com exclusão e indiferença.

A estética do filme converge com os espaços marginalizados, utilizando do cinema de baixo orçamento para produzir planos longos e fixos. O caráter de guerrilha deste filme fica evidenciado no uso da rua como locação permanente. O protesto não ocorre somente no fazer cinematográfico, mas na permanência em determinados locais. Pois, a cidade também é um personagem - o principal. Adirley, com criatividade singular, remete o filme à crueldade do cotidiano. Diferenciando seu filme da glamourização de Brasília. Reduto da política brasileira.

Dessa forma, construo o curta *“Esqueci o caminho de casa”* utilizando as mesmas ferramentas críticas que Adirley se municia, adaptando ao meu contexto. A condição do bairro da Penha.

Figura 2 - Cena do longa metragem "A cidade é uma só"



Fonte: UOL, 2013.

4.RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

4.1 A CONCEPÇÃO DO PROJETO: O HIBRIDISMO E A FILMAGEM CRUA

A concepção deste projeto perpassa pelo desejo de construir uma narrativa que contemplasse a filmagem na sua forma mais pura, em relação às modificações promovidas por meio das operações cinematográficas. Ao mesmo tempo, a criação se dá pelo hibridismo narrativo que mescla a ficção com a não ficção, fluindo por diferentes classificações e não se limitando a elas.

Durante nossa rotina, é comum recebermos uma vastidão de informações de diferentes partes do globo, e isso reflete na criação artística. Embora não seja originário do século XXI, mas amplamente difundido neste período, produtos como cinema, música e artes visuais são cada vez mais construídos por meio da mistura de diferentes gêneros, formatos e artistas. Nesse sentido, sigo a mesma proposição.

Desse modo, o filme *"Esqueci o caminho de casa"* é construído a partir da soma de diferentes referências. A ficção documental, tão característica dos filmes de Adirley Queirós e Chris Marker, norteia este produto ao propor a convergência de imagens na sua duração real (Bazin, 1945) com a narração ficcional, permeada de subjetividade. Isso porque a intervenção nas imagens captadas não é o âmago do produto. Os efeitos cinematográficos são escanteados para que a ficção exista tanto na narração quanto no personagem que declama.

4.2 ROTEIRO: A ESCOLHA PELO VÍDEO-ENSAIO

O processo de escrita contou com elementos norteadores, entre eles o tempo para execução entre a pré e a pós-produção - que era curto - e o fato de que não havia orçamento. Posto isso, fiz escolhas que facilitaram meu trabalho.

A começar pela decisão de que haveria somente um personagem, que não apareceria em cena. A utilização somente da voz dá mais peso para às imagens, assim como é um recurso utilizado pelo vídeo-ensaio.

Semelhante à construção literária, o vídeo-ensaio possui liberdade para a produção textual, e sua essência se dá pela reflexão acerca de um tema. A convergência de imagem e narração percorrem um caminho onde há a defesa de um argumento perante as proposições suscitadas. Nesse sentido, quis utilizar esse estilo cinematográfico para somar a narração poética com fala cotidiana, pois não queria que o produto fosse demasiado poético - afastando-se do público comum, que é, de certa maneira, o alvo - ao mesmo tempo que não visualizava o filme com uma linguagem corriqueira, tão rebuscada. Optei, então, por misturar lembranças com reflexões.

Diante disso, a essência deste produto ocorre por meio da subjetividade do autor, que emprega tanto a nostalgia individual quanto coletiva para demonstrar a melancolia que a transformação espacial proporciona. Essa subjetividade não ocorre somente na fala: ela também manifesta na condução das imagens, que foram minuciosamente elencadas desde o roteiro.

A escrita também desenrola-se por meio de uma denúncia; entretanto, essa queixa acontece no subtexto, já que, para este projeto, não considerei pertinente um enfoque claro e massivo sobre o fenômeno filmado. Minha intenção com o produto é refletir através da ficção.

Por fim, quis incluir no roteiro a presença do silêncio - algo que acho imprescindível para qualquer filme. Trago essa característica de outra manifestação artística: a música. As pausas são fundamentais para uma canção, pois auxiliam no ritmo, no andamento e na conexão com o público, levando-o à reflexão. Com essa propriedade, brinquei, posicionando o silêncio em diferentes momentos do roteiro, para que as imagens sejam contempladas, mesmo que não apresentem beleza.

4.3 FOTOGRAFIA: A POESIA IMAGÉTICA DA SUJEIRA

Para este documentário, projetei na fotografia uma estética crua e poluída, que representasse o esfacelamento da memória e a confusão que os processos de modificação do espaço causam na identidade. Dessa maneira, elementos não convencionais ganham destaque, como o lixo revirado, o emaranhado de fios e as casas abandonadas. A sujeira me agradava, assim como a poluição visual.

Nesse sentido, em relação aos enquadramentos, pensei em compor através da dualidade. É comum observar no produto imagens antônimas, como planos-detelhe no lixo, assim como há planos gerais dimensionando a grandeza das obras realizadas. Em alguns planos, é fácil compreender a poluição imagética com diversos elementos no mesmo quadro, em contraposição a planos vazios. Outros elementos que ganham destaque são as grades e correntes que protegem lugares específicos de invasões. Pois, ao observar essa conjuntura, achei pertinente gravar esses itens para criar a sensação de enclausuramento — a delimitação de um espaço onde a memória já não pode mais acessar.

Complementando os enquadramentos, utilizei uma tabela de composição fotográfica para dispor os diferentes componentes no quadro. Fugindo do comum, em poucos momentos usei a regra dos três terços. Na verdade, baseei-me para este curta nas formas geométricas que os próprios elementos possuem. Dessa maneira, pode-se observar a existência de triângulos, retângulos, círculos e quadrados dentro das imagens. Pois, a natureza, por si só, já oferece um norte para a fotografia. Porém, este não foi o único recurso que utilizei. Alguns planos são captados a partir da sequência de Fibonacci - sequência numérica formada pela soma de numerais que antecederem como $1+1 = 2$; $2+1 = 3$... - em outros casos, optei pelo espaço vazio, colocando elementos bem ao canto ou cobrindo todo o quadro.

Outro destaque está na profundidade de campo, principalmente para os planos mais abertos. A intenção era transmitir a poluição visual através dessa configuração, complementando a ideia de opressão ocasionada pela mudança espacial. Já que casas antigas e novas construções ocupam o mesmo espaço, gera-se uma competição — na verdade, mais próxima de uma tentativa de sobrevivência por parte de quem ali existia. Completando esse sentimento de sobrevivência, optei por gravar em 60 fps, um recurso comum para efeitos de

câmera lenta. Porém, no meu caso, deixei as imagens nessa configuração, sem alterações.

Por fim, dedico-me a falar sobre as cores utilizadas. Não preparei nenhuma paleta específica para este trabalho, mas algo que desejava era o cinzelamento do projeto. A dessaturação das cores, ocasionada pela passagem do tempo, assim como a poeira que se acumula pelas ruas, era um fator crucial para mim. Tanto é que torci por um dia nublado para a captação e fui agraciado com isso. Pois, a opacidade da arquitetura transforma as ruínas em um objeto de maior tristeza. E esse sentimento de melancolia deveria ser retratado com cores de pouca vida.

4.4 SOM: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE REAL

Tão importante quanto as imagens produzidas, o som desempenha um papel crucial na ambientação da história. As ruínas dessa cidade são preenchidas pelos ecos dos carros, dos ventos, das conversas vazias e dos silêncios.

Nesse sentido, optei pela ausência de trilha sonora. A utilização de um som “artificial”, isto é, um elemento exterior ao real, não me agradava. Queria, em meu curta documental, somente os sons diegéticos — aqueles que fazem parte do cotidiano. Não que a música não faça; na verdade, ela se faz presente em qualquer residência, esquina e aparelho telefônico. Porém, ao introduzir uma canção, acaba-se interferindo de forma antinatural o espaço e o tempo.

Então, o que captei durante as diárias foi o que utilizei na edição. Da mesma forma, optei por sons característicos do bairro: as buzinas das motocicletas, os carros passando em diferentes velocidades, o balanço dos ônibus, a tonalidade do vento conforme sua força, as árvores, os diferentes pássaros, as crianças e, principalmente, o silêncio.

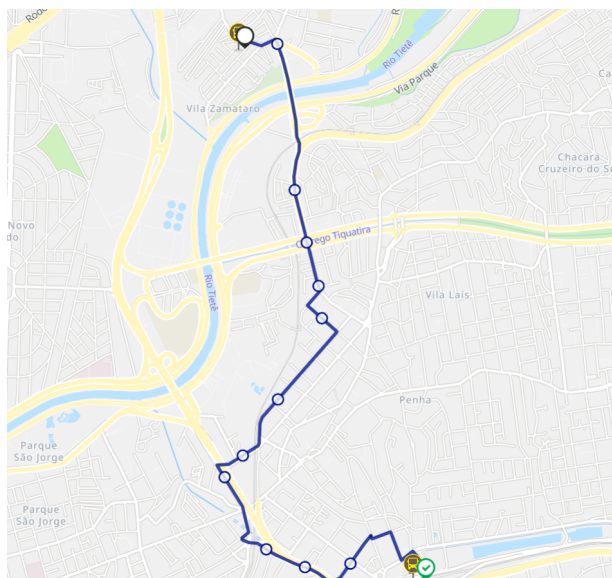
4.5 DIÁRIA DE PRODUÇÃO: DINÂMICA DE CAPTAÇÃO

O planejamento das gravações consistiu em dois dias. Devido à minha agenda e à dos meus ajudantes, um final de semana para gravar novas construções, ruínas, transportes e o cotidiano das pessoas era o necessário. Então, no primeiro final de semana de outubro ocorreu a captação das imagens.

Porém, a gravação se iniciou na sexta-feira anterior ao planejamento. Pois, eu já tinha o equipamento em mãos e precisava gravar a tela do meu computador, aberta no Google Maps. Foi algo rápido, porém aproveitei para experimentar configurações antes da própria gravação.

Com essa tarefa realizada, no sábado fui até a Penha para gravar. Contei com a ajuda do meu pai para o transporte durante todo o percurso da ordem do dia, além do acompanhamento da minha namorada para eventuais pedidos de ajuda com o equipamento e checagem de documentos. A captação iniciou às seis horas da manhã e terminou ao meio-dia. Ademais, utilizei o trajeto do ônibus que costumo pegar como roteiro para gravação.

Figura 3 - Mapa da linha 443 (Jd. Adriana - Metrô Penha)



Fonte: Moovit SP

Nesse sentido, me surpreendi, já que gravei praticamente todo o trabalho na manhã de sábado. Planejei não perder muito tempo com diferentes takes. Primeiro, porque não havia atores, logo a chance de errar era menor. Assim como gravei, dentro do mesmo take, diferentes perspectivas. Outro elemento que dinamizou a gravação foi a duração das imagens. Poucas vezes passei dos quinze segundos.

Com isso, dedico-me a falar sobre as configurações da câmera. Todos os planos foram gravados entre 18mm e 45mm, com recorrência dos planos em 24mm. Ademais, nunca passei dos 600 de ISO, sem contar o já citado 60 fps, para reduzir o tempo de maneira a conversar com a importância do presente.

Por fim, não obtive equipamento de som. Logo, a própria câmera realizou esse trabalho — o que não recomendo. Os sons ficam sobrepostos e, na pós-produção, torna-se difícil manipulá-los. Assim como deixo minhas considerações sobre a falta de movimentos de câmera passando pelos objetos — algo que eu deveria ter feito.

Figura 4 - Diária de produção



Fonte: Milton F. de Carvalho JR, 2025.

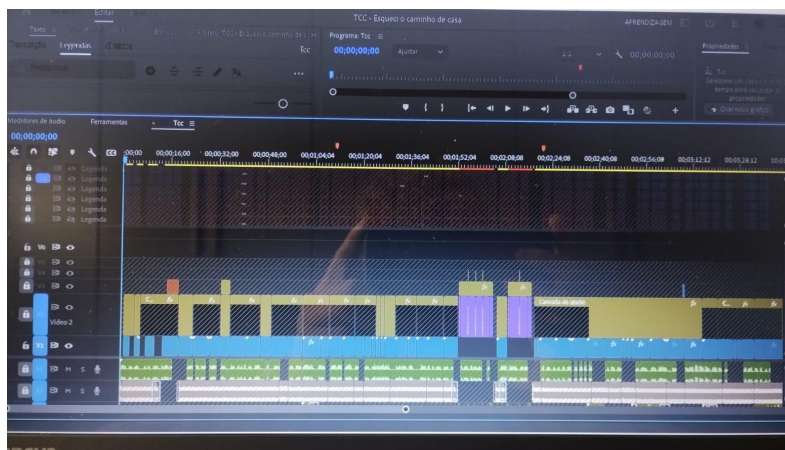
4.6 PÓS PRODUÇÃO: MENOR INTERFERÊNCIA NAS IMAGENS

Após o término das gravações, iniciei o processo de pós-produção. Em um primeiro momento, deparei-me com muito material bruto — mais de cento e setenta clipes. Algo surpreendente para uma única manhã de gravações. Então, utilizando o Adobe Premiere, comecei a montagem.

Para esse processo, estabeleci algumas regras. A primeira delas dizia respeito ao tempo de tela de cada plano. Todos os clipes, ou melhor, noventa por cento deles, mantiveram sua duração original. Foram poucos os momentos em que realizei cortes. Em sua maioria, apenas unia um clipe a outro. Ademais, optei por não realizar nenhum tipo de transição estilizada. É possível observar a presença de cortes secos. Ainda dentro da montagem, quis compor o filme com imagens diferentes da narração. Não queria que meu curta ficasse didático demais ou muito

correspondente. Isto é, que as imagens fossem exatamente o que a narração enuncia. Então, terminada a montagem, fui para a colorização.

Figura 5 - Linha do tempo do projeto no Adobe Premiere



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

E nesse momento, volto à concepção do curta, onde afirmei a ausência de estilização. As imagens precisavam ser cruas, sem cores e efeitos. Os planos precisavam ser reais, ao ponto de a imagem funcionar do jeito que foi captada. Porém, durante a colorização, senti a necessidade de acentuar o clima, já que o cinza dominava os planos. Nesse sentido, ajustei levemente as configurações, para que as informações captadas continuassem. E o resultado que obtive foi um perfil mais azulado, o que não comprometeu a ideia original — pelo contrário, deu mais sentido e peso às imagens. Assim, feita a colorização, trabalhei em alguns efeitos.

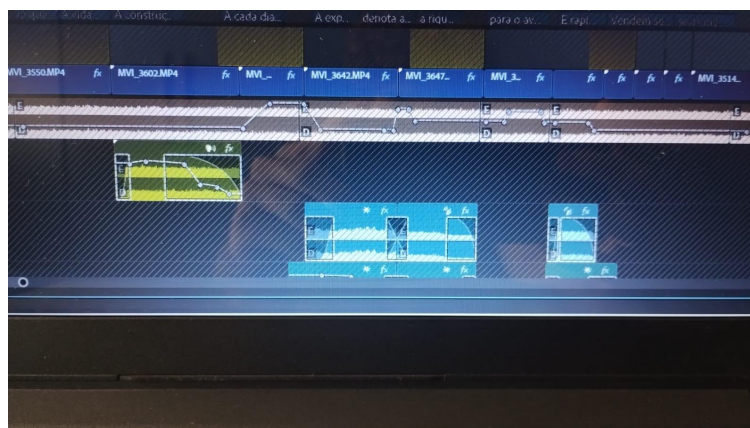
Em relação ao emprego de efeitos visuais, começo dizendo que foi difícil contentar-me com a ausência deles. Pois tive contato com uma vasta quantidade de recursos interessantes — efeitos que embelezavam ainda mais o curta. Porém, a beleza sem sentido tornaria o efeito vazio. Então, utilizei somente o efeito de CRT (daquelas televisões e monitores antigos) para as imagens de arquivo. Menciono aqui que a empregabilidade desse efeito se dá pelo motivo de suspensão temporal. Frequentemente, a academia frisa a importância da fotografia em congelar o tempo — o poder de tornar um momento imortal através da captura por um aparato técnico. Porém, quando utilizo esse efeito, quero dizer ao público que a imortalidade do momento é falsa. Mesmo que permaneça viva na lembrança ou dentro de um

equipamento tecnológico, você nunca poderá retornar àquele momento. Inclusive, essa é a essência da palavra “nostalgia”, algo que quis trabalhar nesse curta.

Posteriormente, trabalhei na animação dos textos. Tanto o título quanto os créditos tiveram interferência técnica. Inclusive, para o título, minha ideia conversava com o esfacelamento do mesmo. Intencionalmente, as letras se desfazem e desaparecem — não em sua completude, pois queria manter a ideia da memória que nunca some, mas que aos poucos se perde. Assim como optei pela empregabilidade de efeitos nos créditos, como ruído e desfoque, sujando a imagem.

Então, realizei o design de som. E, nesse processo, uma pergunta permeou minhas escolhas: “O que você quer que o público escute?” esteve comigo durante toda a sonorização. Pois, um conglomerado urbano produz diversos sons; o próprio silêncio é barulhento. Logo, eu precisava escolher quais elementos teriam destaque e em qual momento, visto que a trilha sonora estava ausente. Nesse sentido, optei por colocar um barulho de vento que permeia todo o curta. Porém, o manipulei através de um comando chamado panorâmica, que interfere nos canais de áudio, gerando um movimento entre direita e esquerda. Feito esse balanço, modifiquei os volumes de todos os sons. É óbvio que a narração foi priorizada, mas, nesse processo, também optei por favorecer os efeitos diegéticos, como o barulho da televisão antiga, o trânsito, os sons de obra e o metrô. Além disso, adicionei alguns sons não captados, mas característicos da urbanização. Destaco os diferentes pássaros que selecionei — a maritaca, o sabiá-laranjeira e o bem-te-vi —, sem contar as buzinas de motocicletas e o latido de cachorros. Por fim, da mesma forma que fiz com o som do vento, de maneira artesanal, modifiquei volumes e frequências sonoras. É possível observar a diferença entre os elementos. Em alguns casos, apliquei a baixa frequência, colocando o som de um objeto “atrás” de outro, para que assim não houvesse conflito ou poluição sonora, mesmo que, em determinados espaços, houvesse mais de três sons ao mesmo tempo.

Figura 6 - Design de som do projeto no Adobe Premiere



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025

Com isso, terminei a edição gerando diferentes legendas em diferentes idiomas. Já que visualizo o potencial deste curta para festivais. Assim como utilizei o OneDrive para armazenamento, já que sua capacidade é superior ao Google Drive.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer dentro do meio audiovisual perpassa por diferentes caminhos. Uma ideia que surge, por melhor que seja, às vezes não se adequa ao momento. Assim ocorreu com diversos profissionais da área — como ocorreu comigo. Meu desejo era escrever um roteiro de longa-metragem, mas o resultado final deste projeto foi a gravação de um documentário.

Isso não quer dizer que me sinto frustrado. Pelo contrário, a realização deste curta-metragem ensaístico proporcionou uma vivência que, até então, não havia ocorrido ao longo de minha trajetória acadêmica. Eu já dirigi dois videoclipes neste período de quatro anos, assim como dirigi uma adaptação literária. Já pude produzir trilhas sonoras para diferentes produtos de variados gêneros, além de roteirizar uma videoarte e um programa de televisão. Porém, manusear uma câmera e sair gravando foi a primeira vez. Nesse sentido, observei que minha dinâmica de trabalho foi mais rápida e assertiva durante as gravações, principalmente pelo conhecimento que obtive ao participar de outros projetos.

Então, o ato de manusear uma câmera modificou meu olhar. Ter o equipamento em mãos me deu maior responsabilidade sobre o que deveria ser gravado e como esse objeto deveria ser captado. O cinema, como um todo, adora

utilizar o “porquê” das coisas: que sentido aquela imagem tem para o produto e, principalmente, para o espectador? Qual sentimento desejo evocar com uma imagem na experiência do público ao assistir? Que vivências serão contempladas, no sentido de repertório do espectador? E, com esses elementos, cada imagem captada necessitava de um sentido — por mais que eu não concorde com a exacerbação de explicações. A câmera em minhas mãos me concedeu poder sobre uma narrativa, sobre a forma de contar uma história.

Nesse sentido, eu não queria transformar meu curta documental em um produto puramente não ficcional. Queria que o hibridismo aparecesse. As falas que percorrem todo o projeto são uma mistura de elementos ficcionais e não ficcionais. Ao mesmo tempo que a captação das imagens e do som prioriza a duração real e, da mesma maneira, o processo de edição respeita isso.

Portanto, o manuseio do equipamento fotográfico, juntamente com a escrita do roteiro, proporcionou uma vivência única para mim. O desejo que tinha em falar sobre questões urbanas, das quais tenho embasamento, materializou-se em uma ideia que se debruça sobre o impacto que as transformações urbanas têm sobre os indivíduos — sobre a memória, tanto individual quanto coletiva. Ademais, a realização deste produto me trouxe mais coragem para o trabalho. Tive de adentrar em espaços deteriorados, além de percorrer ruas desertas. Sem contar que esse produto não teve nenhum recurso financeiro envolvido. De certa forma, sua concepção se deu como em um fazer cinematográfico de guerrilha. E alcancei meu objetivo, pois almejei um produto independente — e aqui está.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS E LIVROS

BAZIN, André. *Ontologia da imagem fotográfica*. In: Eloísa Araújo Ribeiro. **O que é cinema?** 3. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2018. p. 27-36.

FRIED, Marc. **Grieving for a lost home: Psychological cost of relocation**. In: Wilson, James Q. *Urban Renewal: The Record and the controversy*, 1.d. Massachusetts: The MIT Press, 1966. pg. 359-379, Disponível em https://www.geos.ed.ac.uk/~tslater/assets/Fried_GrievingforaLostHome.pdf. Acesso em 05/11/2025

FURTADO, Carlos Ribeiro. **Intervenção do Estado e (re)estruturação urbana. Um estudo sobre gentrificação**. Porto Alegre. FapUnifesp, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cm/a/yjhVYyWtpKcRSj6wVV4KvgN/?lang=pt>. Acesso em: 18/09/2025

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. **Defining place attachment: A tripartite organizing framework**. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, n.1, pg. 1-10, 2009. Disponível em [Defining place attachment: A tripartite organizing framework - ScienceDirect](#). Acesso em: 25/09/2025

VIDEOGRAFIA

A CIDADE É UMA SÓ?. Direção de Adirley Queirós. Produção: Adirley Queirós. Brasil. 2013

SANS SOLEIL. Direção de Chris Marker. Produção: Argos Films. Japão, Estados Unidos, Guiné Bissau e Islândia. 1983.

LINKS EXTERNOS

A história do bairro da Penha SP. **Penha o Bairro**, 2023. Disponível em <https://penhaobairro.com.br/a-historia-do-bairro-da-penha-sp/>. Acesso em: 22/10/2025

Conheça o bairro da Penha: um dos bairros mais tradicionais de SP! **Diálogo**, 2019. Disponível em <https://www.dialogo.com.br/blog/bairros/conheca-o-bairro-da-penha-um-dos-mais-tradicionais-de-sp>. Acesso em: 22/10/2025

São Paulo: urbanização e higienismo. **História Hoje**, 2018. Disponível em <https://historiahoje.com/sao-paulo-urbanizacao-e-higienismo/>. Acesso em 22/10/2025.

Veja cronograma e prazos para construção do Trem Intercidades, que ligará SP e Campinas. **G1**, 2024. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2024/06/03/sp-assina-contrato-de-concessao-de-trem-entre-capital-e-campinas-veja-cronogramas-e-prazos.ghtml>. Acesso em 05/11/2025.

7.ANEXO

7.1 LINK PARA VISUALIZAÇÃO DO VÍDEO

[Esqueci o Caminho de Casa](#)